

# O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM MY ENGLISH ONLINE SOB A ÓTICA DA DISCURSIVIDADE\*

Maria Aparecida Viegas de Melo, Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

**RESUMO:** Este projeto de pesquisa, ainda em andamento, tem como proposta estudar a discursividade no ambiente virtual de aprendizagem *My English Online*, onde nos propomos analisar o material didático e o design do curso. Objetivamos examinar de que maneira e se o curso proporciona autonomia aos alunos que dele participam, quais discursos e práticas de aprendizagem acontecem nesse e por esse espaço, e como o processo ensino aprendizagem da língua inglesa vai sendo construída pelos usuários, seja através do design pedagógico adotado ou do sistema de navegação, interação e interatividade, e se estes promovem a autonomia dos sujeitos alunos, sendo estes fatores relevantes para o aprendizado eficaz de um curso de línguas a distância. Buscamos compreender em nossas análises, se há regularidades enunciativas que indiquem a autonomia e se sim como ela está funcionando neste curso, em relação ao material didático disponibilizado neste ambiente, por seu design e enunciados das instruções e atividades nele propostos. Sendo assim, defendemos a ideia de que a análise de cursos de línguas online pode trazer contribuições relevantes para o trabalho de elaboração de cursos a distância e de materiais educacionais digitais, visando torná-los mais eficientes e adequados às necessidades dos aprendizes de línguas estrangeiras em nosso país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aprendizagem. Língua Inglesa. Autonomia. Discurso.

## INTRODUÇÃO

Diante do desenvolvimento tecnológico, da globalização e do papel da língua inglesa neste contexto, e com o crescente aumento dos cursos de educação a distância (EAD), percebe-se que uma gama de possibilidades de ferramentas e espaços digitais têm sido criadas para que a aprendizagem de língua inglesa (LI) ocorra. Nos cursos a distância e a partir das novas tecnologias de informação e comunicação digital, há mais possibilidades de criação de situações de aprendizagem da língua e a constituição de formas de aprender que são mais cooperativas e autônomas, com certo rompimento do tradicionalismo do ensino presencial, proporcionando ao aprendiz de língua inglesa maior dinamismo e flexibilidade à aprendizagem, atributos essenciais para se inserir no mundo digital e para quem faz uso das TICs para obter novos conhecimentos.

Na EAD, cada sujeito tem que se tornar mais responsável pelo processo de construção do seu conhecimento, passando a ser o autor de sua história de aprendizagem e deixando de ser simplesmente espectador do processo de aprendizagem. Como sujeito ativo desse processo, o aluno EAD deve gerenciar seu próprio aprendizado, deste modo, desenvolvendo sua autonomia, e podendo problematizar mais sua realidade e os conceitos aprendidos. Esta modalidade de ensino permite que o sujeito aprendiz não esteja fisicamente presente em um ambiente formal de ensino-aprendizagem, mas em um ciberespaço.

A autonomia na aprendizagem de línguas é definida por Holec (1981, p. 3) como “a habilidade de cuidar de sua própria aprendizagem”; e segundo Paiva (2006, p. 81), ela está relacionada à tomada de decisões sobre o que, como e quando estudar, por exemplo. Este projeto tem por finalidade analisar e refletir sobre a questão da autonomia promovida pelo *My English Online* (MEO), analisando o design do curso, o material didático disponibilizado neste Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

\* XII EVIDOSOL e IX CILTEC-Online - junho/2015 - <http://evidosol.textolivre.org>

O MEO é um curso gratuito, disponibilizado pelo Ministério da Educação (MEC) e que, atualmente, é utilizado pelo Programa Inglês sem Fronteiras. É baseado na ferramenta para ensino de idiomas *MyELT*, que oferece aos usuários um pacote completo de atividades interativas para o estudo da LI em qualquer horário e em qualquer lugar.

Cada usuário tem acesso a um pacote de materiais didáticos, compreendido por livros interativos, leituras, exercícios de gramática (dicionários, vídeos, atividades para prática oral e testes de acompanhamento). Todas as interações ocorrem entre o próprio sujeito aprendiz e o sistema do curso em atividades com correções imediatas.

Os materiais podem ser impressos para estudos posteriores. Atualmente, o curso têm cinco níveis de aprendizado, cada um com três partes. Ao final de cada parte, o usuário deve fazer um Teste de Progresso como preparação para a Prova Final do nível. Os níveis de aprendizado são: Nível 1 — Iniciante (com instruções em Português e componentes bilíngues); Nível 2 = Básico; Nível 3 = Pré-Intermediário; Nível 4 = Intermediário; Nível 5 = Avançado (preparatório para exames: TOEFL, FCE ou CAE).

O MEO é um curso autoinstrucional, sem mediação de professor/tutor. A falta de acesso ao sistema por mais de 15 dias implica perda de acesso ao ambiente de forma irreversível. A duração máxima prevista do curso é de seis meses para cada nível, sendo que o curso pode ser terminado em dois anos e meio no máximo.

O objetivo desta investigação é, portanto, analisar discursivamente, como o MEO vai constituindo e promovendo a autonomia dos seus usuários através do design e do material do curso e qual a importância do curso promover a autonomia de seus alunos para que estes possam se relacionar com o curso e com outras ferramentas e espaços digitais para a aprendizagem de língua inglesa. Nossa hipótese é a de que o curso MEO promove e constitui a autonomia de aprendizagem em seus usuários, não só para estudos no próprio curso, mas também em outros espaços digitais e com outras ferramentas digitais, movimentando uma nova tendência de modelo de aprendizagem de línguas estrangeiras.

## **DESENVOLVIMENTO**

Este trabalho será embasado nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, disciplina que nos orienta na análise e reflexão sobre temas como a construção da identidade do aluno, a posição ideológica dos sujeitos frente a questão da autonomia, e também nos pressupostos da Linguística Aplicada, que nos norteia acerca das questões sobre aprendizagem de línguas estrangeiras.

Pensar em língua e seu funcionamento nos levam a uma reflexão do sujeito como sujeito de linguagem, que usa a língua como instrumento. Como visão instrumental da língua ela é colocada como objeto a ser aprendido e essa visão perpassa muitos conceitos, como se as habilidades da língua se resumissem a transmissão dessas habilidades. A perspectiva discursiva se distancia disso, para pensar a língua como forma de interação através dessa língua, onde vamos produzir discursos que nos modificam, esses discursos são discursos políticos, que vão além de só usar a língua como instrumento, trabalha também com o funcionamento discursivo da língua. A relação da língua nunca é neutra, há sempre embates. Existe uma relação entre linguagem e poder de assujeitamento do sujeito, onde a relação entre língua e força se põe em funcionamento.

A Análise de Discurso (AD) é, segundo Orlandi (2007, p. 24), uma disciplina de entremeio, pois nasce da indagação sobre a emergência de sentidos pela/na língua e na sua relação com a história e pelo sujeito. A partir dos estudos saussurianos, a língua é compreendida como sistema, mas seus sentidos não são suas qualidades intrínsecas e sim resultados de gestos de interpretação de sujeitos em determinadas condições de produção. A característica de entremeio se refere à necessidade da AD de considerar o sistema linguístico e suas regras e remeter seu funcionamento para o exterior, para a história, para as situações nas quais a língua é praticada, de forma que ela venha a fazer sentido. Para isso, a AD considera o sujeito como posição no discurso e sujeito constituído por e na linguagem, de inconsciente (a partir da pressuposição do sujeito freudiano) e ideologia (a partir dos estudos marxistas sobre o funcionamento social e de luta de classes). O entremeio se refere à localização da disciplina como disciplina que trabalha com a língua como superfície do discurso e com o discurso como instância material da ideologia, dialogando, portanto, com a Linguística, a História, a Filosofia, a Psicanálise. O discurso é, nesse referencial teórico, entendido como efeito de sentido entre interlocutores, é a instância material da ideologia.

Para a Análise do Discurso, o sujeito do discurso é histórico, social e descentrado. Histórico, porque não está alheio ao mundo que o cerca. Social, porque não é o indivíduo, mas àquele apreendido num espaço coletivo. Descentrado, porque é separado pela ideologia e pelo inconsciente. “O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam” (ORLANDI, 2005, p. 20). O sujeito enquanto categoria de análise é uma posição discursiva, que se constitui ao mesmo tempo em que entra em contato com uma materialidade simbólica e constitui os sentidos: “Se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, ele não produz sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 49).

Nesta pesquisa, compreendemos que o sujeito usuário do MEO é um sujeito que se disponibiliza a aprender a língua inglesa e que, por isso, entra em contato com uma língua estrangeira, sendo afetado por ela, como materialidade simbólica, e pelo formato do curso, que, a distância, foge a uma tradição de ensino de línguas estrangeiras presencial que ocorre no Brasil. É importante, para nossa pesquisa, portanto, compreender como a língua inglesa como língua estrangeira é praticada no curso, como os sujeitos aprendizes lidam com a autonomia e a ausência de tutores.

O AVA é um espaço na internet formado pelos sujeitos e suas interações e formas de comunicação que se estabelecem por meio de uma plataforma, tendo como foco principal a aprendizagem. (Behar, 2009, p.29). Estes espaços virtuais são formados por sujeitos e suas interações e formas de comunicação, que possibilitam a interação entre aluno, computador e material didático com a finalidade de proporcionar ao sujeito aprendiz, obter um conhecimento. Algumas características do AVA como conectividade, hipertextualidade e interatividade são importantes. A conectividade garante o acesso à internet, a informação e a comunicação, independente de tempo e lugar. A hipertextualidade permite que se interliguem textos e outras mídias. A interatividade permite que a comunicação aconteça de forma síncrona ou assíncrona. Neste AVA que estamos analisando, o conhecimento a ser adquirido é o da língua inglesa e este espaço virtual será considerado como espaço de prática de linguagem, de enunciação e como condição de produção do discurso.

Allright e Bailey (1991, p. 46) afirmam que estratégias são meios que os aprendizes parecem empregar para ajudá-lo a melhor aprender uma nova língua e também podem tornar o aprendiz mais autônomo. Ao construir suas próprias técnicas para um aprendizado mais

significativo, onde ele possa usar o conhecimento adquirido em outros contextos virtuais que não seja somente o AVA, como blogues, fóruns, chats, etc. Assim como diz Almeida Filho (2005), adquirir uma língua não é aprender apenas o outro sistema, mas sim construir um discurso a partir de contextos sociais e ações culturais. Aonde o aluno venha a utilizar a língua aprendida em diversos discursos como o político, social e cultural, em diferentes contextos que não seja só o educacional.

De acordo com Benson (1997, p. 18), a autonomia da aprendizagem vem sendo utilizada em situações nas quais o aprendiz estuda sozinho; onde as habilidades podem ser aprendidas e aplicadas na aprendizagem autodirigida; o aprendiz é responsável por sua própria aprendizagem e tem a liberdade de conduzir sua própria aprendizagem. Entretanto, como Paiva nos lembra, apenas estudar sozinho não representa necessariamente autonomia, pois as decisões e o percurso sobre o que estudar, geralmente, são oferecidos pelo material didático, pela arquitetura do curso ou pelo professor.

A autonomia também está relacionada à autoinstrução, a autogestão, para situações onde não existe um professor e o aprendiz possa continuar aprendendo. Na visão de Paiva (2006, p. 91/92) a autonomia é essencialmente parte da aquisição de uma segunda língua, sendo esses dois sistemas complexos. Uma característica essencial do sistema complexo ou dinâmico é a auto-organização.

Outros fatores podem incentivar ou reprimir o desenvolvimento da autonomia em AVAs para o aprendizado de língua inglesa é a tecnologia, mais especificamente a internet, o contexto social e político, o design do curso e a organização do material didático no AVA.

Segundo alguns pesquisadores, a medida que o aluno virtual passa a dominar a tecnologia utilizada na educação online, ele desenvolve a autonomia técnica, tornando-se mais autônomo em relação à aprendizagem, construindo seu conhecimento. Na aprendizagem mediada por computador, a autonomia do aluno é fator essencial, visto que a configuração do meio eletrônico requer movimentos autônomos do aluno para tomar decisões constantes, traçar caminhos para que a navegação pelo AVA se processe facilmente. Sendo assim ele desenvolve duplamente a autonomia, a tecnológica e a do conteúdo. Macaro (1997, p. 170/171) propõe que a autonomia de aprendizagem se subdivide em autonomia de competência linguística, de aprendizagem de línguas e autonomia de escolha.

Na autonomia de competência linguística, segundo Macaro (1997, p. 170/171), permite-se que o aprendiz tenha um domínio razoável da língua estrangeira para comunicar-se sem o auxílio de um falante mais competente. Já a autonomia de competência de aprendizagem de línguas relaciona-se com a reprodução das habilidades usadas anteriormente pelo aprendiz para aprender uma língua estrangeira para inúmeras situações, inclusive para aprender uma terceira língua. A autonomia de escolha é caracterizada por proporcionar ao aprendiz a liberdade de selecionar as abordagens que acharem convincentes ao alcance de seus objetivos.

Em um processo educativo que tenha como finalidade a construção e a apropriação da autonomia tratando-se do empoderamento do sujeito, a autonomia está sempre relacionada ao poder que o sujeito exerce. De acordo com Foucault, o poder é considerado como algo que emana de uma fonte para as extremidades. Sendo assim, o poder pode ser uma concessão de alguém com mais poder que concede a outro em escala abaixo (FOUCAULT, 1979, p. 12). O poder concede “autonomia” a alguns e “obediência” a outros. Para o autor o poder é algo que circula e não está localizado em lugar algum, só funciona em aprendizagem de rede porque o poder passa por eles e

alimenta-se em cadeia. Observando o sentido do poder na sala de aula presencial vemos o professor como um representante do poder que lhe foi concedido. Sua autonomia está diretamente relacionada à sua autoridade científica e pedagógica, a uma autonomia que é apropriada por meio da gestão da aprendizagem em rede (OKADA, 2011, p. 120/138).

Outro conceito caro para a compreensão da autonomia do estudante na gestão da aprendizagem é a autorregulação. Alguns estudos vêm sendo realizados por pesquisadores que, bem mais que a compreensão do conceito, têm utilizado o conceito para investigar os processos de aprendizagem centrados no aluno. Para Rosário e colaboradores (2007, p. 282), a autorregulação da aprendizagem envolve trabalho autônomo, motivação intrínseca, estratégias próprias, análise de cenário, identificação dos recursos, busca de apoio e autoconfiança, pois os “alunos autorreguladores da sua aprendizagem analisam as exigências da tarefa e ponderam os seus recursos para lhes fazer face procurando apoio, sempre que necessário, de modo a poderem alcançar seus objetivos” (ROSARIO et al., 2007, p. 282).

Segundo Zimmerman (2000, p. 16), a autorregulação tem três fases que se completam: a fase inicial (*forethought*), a fase de controle emocional (*volitional control*) e a fase de autoavaliação (*self-reflection*). A autorregulação da aprendizagem é um processo que facilita que cada sujeito aprenda em seu ritmo e de acordo as suas necessidades. No MEO, verificamos que as atividades permitem ao aluno receber a correção em tempo real, possibilitando a ele repetir as atividades várias vezes em função dos resultados obtidos. O sujeito aprendiz pode decidir realizar mais atividades de um tipo que de outro, para reforçar os seus pontos fracos ou até mesmo refazê-las, controlando assim seu aprendizado.

A metacognição é outro conceito importante para compreender a construção da autonomia na gestão da aprendizagem. De acordo com Frison (2007, p. 115) a metacognição seria a capacidade do indivíduo perceber e refletir sobre suas potencialidades de aprendizagem. As competências cognitivas (interpretativa, argumentativa e prepositiva) e as emoções contribuem para o planejamento de, por exemplo, utilizar um novo aprendizado na língua inglesa em contextos do seu dia a dia e não somente no AVA do curso MEO, aproximando assim o aprendizado da língua alvo nas atividades realizadas no e-Book, nos vídeos de situações reais de uso da língua inglesa.

Ao utilizar as tecnologias digitais, os estudantes estão-se apropriando de uma autonomia no processo de aprendizagem. Neste contexto, o diálogo entre os sujeitos, mediados pelos aparatos tecnológicos, lembrando que os computadores não são máquinas de produzir discursos, mas os discursos são produzidos por sujeitos sócios ideologicamente determinados, pelo viés destas tecnologias. A máquina funciona como um instrumento de comunicação no processo de produção discursiva existe uma interação do sujeito com a máquina, e esta interação exige do sujeito uma ação, e supõe-se então que esta relação de movimento, ação, interação do sujeito com o computador, nas palavras de Bakhtin, não pode ser dialógica, já que o outro aí é a máquina, o computador que, sozinho, não produz discurso.

Percebemos que muitos são os conceitos de autonomia e parece haver um consenso entre os autores de que autonomia não é algo dado. Conscientizar o aprendiz sobre seu(s) estilo(s) de aprendizagem e as melhores estratégias para aprender melhor colaboram para a formação de aprendizes mais autônomos e comunicativos.

## CONCLUSÃO

Acreditamos que a pesquisa possibilitará a compreensão de uma discursividade sobre

autonomia na aprendizagem de língua inglesa, conforme praticada no curso *My English Online*, por sua estrutura e atividades, e pelo acesso a tecnologias e espaços digitais de aprendizagem na contemporaneidade. Uma das maiores vantagens da EaD é a facilidade que o aluno possui de poder escolher e gerenciar com autonomia o seu tempo e o local onde vai estudar, levando em conta suas necessidades pessoais, tornando seu acesso mais flexível, permitindo que sujeitos de todos os lugares que tenham acesso à internet possam fazer cursos de línguas estrangeiras (LE), entre outros. No ensino a distância o aprendiz tem a liberdade de escolher o que deseja aprender e em qual momento fará isso, pressupondo uma postura mais autônoma do aprendiz, que passa a ter maior responsabilidade na condução do seu aprendizado. Para que o sujeito aprendiz saiba conduzir adequadamente seu aprendizado é necessário que o curso tenha conteúdos claros e que seja visualmente atraente, tornando a navegação objetiva e prazerosa.

## REFERÊNCIAS

- Allright, D.; &Bailey, K.M (1991). **Focus and the Language Classroom**. New York: Cambridge University Press.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **A abordagem comunicativa do ensino de línguas: promessa ou renovação na década de 1980?** In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Linguística aplicada, ensino de línguas e comunicação**. Campinas, SP: Pontes, 2005. p. 77-87.
- BENSON, P. **The philosophy and politics of learner autonomy**. In BENSON, P. and VOLLER, P. (Eds.). **Autonomy and Independence in Language Learning**. London: Longman, 1997, p. 18-34.
- BEHAR, P. A. **Modelos pedagógicos em Educação a Distância**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979
- FOUCAULT, M. [1969]. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FRISON, L. M. B. **Auto-Regulação da Aprendizagem**. Revista CIÊNCIA E CONHECIMENTO, São Jerônimo, v. 02, p. 1-14, 2007.
- HOLEC, H. **Autonomy and foreign language learning**. Oxford: Pergamon, 1981.
- KENSKI, V. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da educação**. Campinas: Papyrus, 2007.
- MACARO, Ernest. **Target language, collaborative learning and autonomy**. Clevedon: Multilingual Matters, 1997.
- MY ENGLISH ONLINE. Portal do My English Online (MEO)**. Disponível em: . Acesso em: 3 jun. 2014.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: UNICAMP, 2007b.
- OKADA, A. **COLEARN 2.0: refletindo sobre o conceito de aprendizagem via REAS na web 2.0**. In: BARROS, D. M. V. **Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas**. Lisboa: Universidade Aberta, 2011. p.120-138.
- Orlandi, E. P. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos**. ed. 6°. São Paulo: Pontes, 2005.
- PAIVA, Vera L.M.O. **Autonomia e complexidade** *Linguagem e Ensino*, v.9, n.1, p. 77-127, jan./jun. 2006.
- ROSÁRIO, P. et. al. **De pequenino que se auto-regula o destino**. Educação: tema e problemas, Évora, n. 4 (2), 2007.
- ZIMMERMAN, B. J. **Attaining Self-Regulation: a social cognitive perspective**. In: M. BOEKAERTS, P. R. P. A. M. Z. **Handbook of self-regulation**. San Diego: Academic Press, 2000. p. 13-39